

Limen: quando o chamado bate à porta

Por Lilian Loureiro (Candidata à Analista pelo IJPR, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP)

Contato: contato@lilianloureiro.com.br – (41) 99259-0520/(41)3042-5563

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca do simbolismo do *limen*, no que tange ao processo psicoterapêutico. De acordo com Stein (2007), a palavra limiar vem do latim “*limen*”, que quer dizer “soleira da porta”, entrada ou portal. Segundo o autor, ao entrar ou sair de um aposento, cruzamos obrigatoriamente o *limen*. “Trata-se de uma passagem rápida, que muitas vezes dura apenas alguns segundos, mas ainda assim é uma transição importante.” (p.20)

Podemos observar que em muitos casos clínicos, chega o momento em que a fronteira consciente/inconsciente fica evidente e há a possibilidade da transição ocorrer. Contudo, para que tal passagem/fluxo/troca/ entre dois mundos tão distintos transcorra de forma segura, é necessária a presença de uma fronteira adequada, criteriosa, com regras e limites claros, tal qual uma alfândega intrapsíquica. Jung (1975) discorrendo sobre alfândega, nos mostra o quanto o simbolismo do *limen* é profundo e significativo para o processo psicoterapêutico: “alfândega fez-me imediatamente pensar na censura; a fronteira pareceu-me significar, por um lado, a que existe entre o consciente e o inconsciente (...) O controle na fronteira – de uma extrema minúcia – parecia referir-se à análise. Na fronteira, as bagagens são abertas para serem examinadas, por causa do possível contrabando. Dessa forma, descobrem-se os pressupostos inconscientes.” (Jung, 1975, p.146)

Quando o tema fronteira aparece em sonhos existe uma rica possibilidade de ampliação da consciência: conteúdos antes encobertos passam a ser expostos no limiar, que por mais breve que seja, traz um novo frescor. Um chamado bate à porta, mas quem irá atender? Segundo Stein (2007), o limiar acontece quando o ego é incapaz de se identificar com uma autoimagem que havia se formado no passado por meio de ligações seletivas e imagens criadas e personificadas por certos papéis aceitos e vividos. Assim, quem atende à porta se defronta com uma sensação de “passado amputado e de um futuro vago” (p.24). O limiar acontece, pois para o autor, o ego continua a existir, suspenso, lembrando um fantasma de um Self passado e é aí, neste portal que uma transformação pode ocorrer, desde que, conforme Jung mencionou a bagagem possa ser examinada.

Assim, podemos supor que quando o chamado bate à portal e transita pelo portal, proporciona a possibilidade de se romper com o padrão regressivo, enterrar o que já está morto e assim ver germinar novas possibilidades e perspectivas de ser.